

A NÃO VIOLÊNCIA CRISTÃ

(Jornal do Brasil - 23/02/2006)

Os recentes episódios envolvendo a publicação de caricaturas do profeta Maomé em jornais da Dinamarca, com violenta reação de seus atuais seguidores e até manifestações de solidariedade do Governo Bush – cujos atos não têm denotado especial respeito às convicções islâmicas, no Iraque e no Afeganistão - merecem algumas reflexões paralelas.

A primeira delas é que, na defesa de sua fé, os seguidores de Alá não têm limites. Chegam ao fanatismo e ao ponto de sacrificar as próprias vidas pela supremacia de sua fé, considerando todos os que não a professam, infiéis a serviço de forças demoníacas.

A segunda é que também o povo judeu está sempre pronto a reagir a qualquer manifestação que, direta ou indiretamente, possa tisonar sua cultura, sua fé, sua história, considerando-a logo expressão de comportamento anti-sionista e saindo em defesa de seus valores. É o que aconteceu, recentemente, quando a comunidade judaica mobilizou-se para proibir a circulação de livro que punha em dúvida a extensão do holocausto, obtendo sucesso perante a Suprema Corte do Brasil.

Certamente, a capacidade de reação desses dois povos é que tem feito como que jornalistas, escritores e artistas se abstenham de tecer maiores críticas sobre seus valores, costumes e crenças, tanto que poucas vezes, são colocados em xeque ou ridicularizados.

A liberdade de imprensa e de opinião é exercida com muita cautela, cuidado e reticências, quanto à crença de islâmicos e hebreus.

O mesmo não ocorre quando se trata dos valores cristãos. Cristão quer dizer seguidor de Cristo. De rigor, os verdadeiros cristãos não são tantos assim, pois muito se dizem seguidores de Cristo, mas não seguem Suas lições. Apesar do rótulo que ostentam, ainda têm que percorrer um bom caminho para aceitar, até as últimas conseqüências, os compromissos que “Deus feito homem” assumiu pela humanidade ao morrer na cruz, transformando-a no seu símbolo maior.

Os verdadeiros cristãos, todavia, são aqueles que aprenderam a principal lição de Cristo, ou seja, “a não violência”, o dar a outra face, o respeito pelo outro, para, na busca da paz, levar os corações a Deus.

É, talvez, por esta razão que alguns jornalistas, artistas, escritores, intelectuais, agnósticos ou ateus, que não têm coragem de atacar os costumes e as crenças -por mais ortodoxos e severos que sejam- de judeus e islâmicos, não se constroem em criticar, atacar, ridicularizar a figura de Cristo, dos santos, das instituições da Igreja, formulando teorias, sem qualquer base histórica ou de realidade. Por saberem de antemão que a característica dos cristãos é não reagir, elegem-nos como alvo preferencial de suas críticas, ataques e ridicularizações.

Prova inequívoca são os filmes dedicados a deturpar a vida de Jesus, a conspurcar a figura de Maria, sua mãe. Ou charges como aquelas publicadas recentemente, retratando o Papa Bento XVI, na Alemanha, segurando sua batina branca, em pose semelhante à de Marilyn Monroe, em célebre filme, para evitar que o vento levantasse sua saia. Apesar do mau gosto e do desrespeito, a grosseria não mereceu nenhuma

Ives Gandra da Silva Martins

reação da Igreja Católica, o que contrasta com a espetacular violência deflagrada no mundo islâmico, à vista daquelas outras charges que motivaram este artigo.

Hoje, tornou-se "politicamente correto" ficar do lado da maioria, ter convicções às meias, ser tolerante com a degradação de costumes, criticar os valores permanentes, de defesa da dignidade do ser humano. Sempre que o homem, no curso da história, propôs-se mais a "aproveitar" a vida do que a construí-la sobre o alicerce de sólidos ideais, - como Políbio acentuou, em sua História - fez desaparecer a liderança e a falta de exemplo de seus líderes contaminou a sociedade e os Estados, tendo as civilizações decaído. Voltando, todavia, ao tema, estou convencido de que, nada obstante a "não violência", característica do cristão, poder atrair a preferência crítica dos que não têm coragem de exercê-la contra outras religiões, parecer ser essa, ainda, a grande lição de Cristo para a humanidade, neste momento que o mundo atravessa. A paz é uma grande aspiração e só é possível obtê-la por amor. A história tem demonstrado que, em 2.000 anos, com perseguições de toda a natureza - desde os tempos romanos até o marxismo e o materialismo do século XX - essa continua sendo a melhor lição que os cristãos poderiam dar. Os que atacam a doutrina cristã e seus propagadores, surgem e desaparecem, mas a mensagem de paz, de não violência, dos seguidores de Cristo - aqueles que verdadeiramente compreendem o sentido do mandamento de amar ao próximo, que Ele nos deixou - permanece, para o bem da humanidade.

São Paulo, Fevereiro/2006.